

Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

**Sub-eixo: Transformações contemporâneas no mundo do trabalho e exploração da
força de trabalho**

REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO CAMPO NO SÉCULO XXI: A EXPLORAÇÃO DO TRABALHO NA AGROINDÚSTRIA DA CANA-DE-AÇÚCAR

NELMIRES FERREIRA DA SILVA¹

OLIVIA IRENE REIS SANTOS²

RESUMO

Este trabalho é parte do processo de construção da dissertação de mestrado em serviço social, o qual se inicia por uma criteriosa revisão de literatura (Szmrecsányi, T.,1979;Harvey, D. , 1992; Marx, Karl,2006; Antunes, R., 2009; Alves. G.,2009; Mészáros, I , 2011; Sant'ana, R. S,2012; Salata, R., 2013). O processo investigativo adotou a abordagem materialista-histórico e dialética apreendendo a dimensão teórico fielmente a reprodução do objeto em seu movimento (Kosik, 1995). Os principais resultados iniciais encontrados a partir das leituras e levantamentos de dados preliminares foram: Apresenta aspectos gerais sobre o processo de reestruturação produtiva do capital, acompanhado das mudanças nas relações de trabalho no campo, essas transformações na agroindústria canavieira impactam exponencialmente na atualidade do cotidiano dos/as trabalhadores/as que desenvolvem a atividade manuais da cana, no caso específico, sinalizamos, o município de Capela\SE.

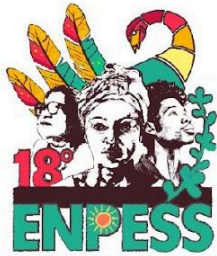
Palavras-chave: Capitalismo; Reestruturação Produtiva; Trabalho; Agroindústria Canavieira;

ABSTRACT

This work is part of the process of constructing the master's thesis in social work, which begins with a careful literature review (Szmrecsányi, T.,1979;Harvey, D., 1992; Marx, Karl,2006; Antunes, R. , 2009; Alves. G.,2009; The investigative process adopted the materialist-historical and dialectical approach, capturing the theoretical dimension faithfully and reproducing the object in its

¹ Universidade Federal de Sergipe

² Universidade Federal de Sergipe



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

movement (Kosik, 1995). The main initial results found from the readings and preliminary data surveys were: It presents general aspects about the process of productive restructuring of capital, accompanied by changes in labor relations in the field, these transformations in the sugarcane agroindustry have an exponential impact on the current day-to-day lives of \as workers who carry out manual sugarcane activities, in this specific case, the municipality of Capela\SE.

Keywords: Capitalism; Productive Restructuring; Work; Sugarcane agroindustry;

1.Introdução

O presente estudo tem como objetivo discutir os processos de trabalho na agroindústria canavieira brasileira, considerando que o capitalismo a partir do seu desenvolvimento desigual e combinado³ traz repercussões para o campo desde a década de 1970 que reverbera na atualidade do século XXI. As mudanças do mundo do trabalho repercutem na exploração\superexploração, nos termos de Ruy Mauro Marine, atualmente exponencializada no campo e na cidade, fruto da lógica de um capitalismo dependente.

Logo, trataremos o debate em três momentos: Primeiramente serão apresentadas breves alterações nas características do processo de reestruturação produtiva do capital ao datar o final da década 1970, do século XX. O segundo momento vai tratar do desenvolvimento tecnológico do setor sucroalcooleiro e os impactos presentes na vida dos\das trabalhadores\as do corte da cana-de-açúcar. E por fim, as repercussões do movimento dos\das trabalhadores\as do campo, especialmente a partir da década de 1980, vindo a culminar na atualidade do século XXI.

2. As Crises Estrutural do Capital e as Implicações no Cotidiano do Trabalho

Ao modo mais específico, a reestruturação produtiva, diz respeito a modificações dos processos produtivos aliados aos aparatos tecnológicos, de inovações dos procedimentos de composição e gestão do trabalho. O desenvolvimento desse fenômeno é ligado ao campo de

³ A lei do desenvolvimento desigual e combinado formulada por León Trotsky a partir de suas análises acerca da dinâmica histórica das nações atrasadas acabou por se constituir em uma matriz interpretativa para os estudos de renomados intelectuais acadêmicos brasileiros que, nas décadas de 1960 e 1970, opuseram-se às leituras “etapistas” e “dualistas” sobre as condições sócio-históricas do Brasil. Trotsky, León. *História da revolução russa*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

transformações intensas que não é formado apenas de técnicas produtivas de mercadorias, outrossim ao todo universo societário. Isso, torna-se soluções que o capital oferece a crise do fordista de acumulação sendo o eixo do aumento econômico dos países de capital central (Faria; Kremer, 2004).

Em meados da década de 1960, o fordismo passa a sinalizar uma queda, não somente no que concerne a sua habilidade de lucro, mas também como seu modelo de organização, ocasionando o afloramento de crises nos países centrais. É possível considerar que os acontecimentos preliminares assinalam que o curso da reestruturação produtiva, indica um fenômeno que vai além das inovações do processo de organização do trabalho, pois esse processo está presente dentro do novo modelo das forças produtivas, das normas de concorrências etc (Faria; Kremer, 2004).

Para Artunes (2009), após o gigantesco ciclo de acumulação de riqueza, no período de ápice do fordismo e ciclo do *keynesianismo*, o capitalismo, durante o final dos anos de 1960 e início dos anos 1970, passou a sinalizar um desequilíbrio “quando sofreu o impacto de transformações de várias ordens” (Pinto, 2013, p.43). É possível observar seis principais características, entre as quais desdobram na atual década do século XXI, acelerando as metamorfoses na gestão do mundo do trabalho.

A primeira trata-se da queda da taxa de lucro, ocasionada por alguns fatores: crescimento do preço do trabalho que foi uma conquista do pós-guerra, vinculado ao incremento de movimentos sociais dos anos de 1960, resultando em um maior domínio da produção. “A conjugação desses elementos levou a uma redução dos níveis de produtividade do capital, acentuando a tendência decrescente da taxa de lucro” (Artunes, 2009, p. 31).

O processo de exaustão do modelo de acumulação taylorista/fordista é o segundo traço “(que em verdade era a expressão mais fenomênica da crise estrutural do capital)” (Artunes, 2009, p. 31). Propenso pela falta de capacidade de ter respostas ao estreitamento do consumo que estava em evidência. Na prática, o que ocorria era uma diminuição de reações ao desemprego estrutural que estava no seu curso para a instauração.

A próxima diz respeito ao crescimento do campo financeiro, possuído por uma autonomia relativa em relação ao capital produtivo, esse já estava situado como representação da crise do capital e do seu modelo produtivo, onde o capital financeiro é visto como um espaço de prioridades, de modo a criar formas para especular, assim o novo estágio é marcado pela

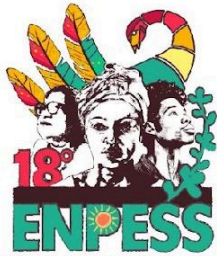
internacionalização. Já o quarto aspecto trata das concentrações de capitais correlacionados com as aglomerações de empresas monopolistas e oligopolistas (Artunes, 2009).

O quinto atributo é a crise do *Welfare States* ligado aos moldes da operacionalização que provoca a crise do Estado Capitalista bem como as exigências de diminuição de despesas públicas em um movimento de entrega ao capital privado. A última refere-se ao desenvolvimento intensificado de privatizações que foi gerado a partir das desregulamentações e do processo de flexibilização das forças produtivas (Artunes, 2009).

A crise e as ondas longas de crises possuem grande complexidade considerando a sua dimensão lucrativa que acarretou num excedente de capacidade e produção da esfera manufatureira internacional (Mészáros, 2011). A princípio, as gigantescas transferências do capital para as finanças foram causadas pela pouca capacidade da economia real, principalmente do espaço industrial com relação às modificações, as proporcionalidades da taxa de lucro apropriadas. Dessa forma, “a aparição do excesso de capacidade e de produção, acarretando perda de lucratividade nas indústrias de transformação a partir do final da década de 1960, foi a raiz do crescimento acelerado do capital financeiro a partir do final da década de 1970” (Brenner, 1999, p. 12).

É certo, que as crises do *fordismo* e *keynesianismo* são manifestações de uma representação muito mais profunda, em razão de ter seu sentido ligado à crise estrutural do capital, com evidência na queda do lucro e dos demais elementos enumerados anteriormente. As expressões da crise têm “tanto do sentido destrutivo da lógica do capital, presente na intensificação da lei de tendência decrescente do valor de uso das mercadorias, quanto da incontabilidade do sistema de metabolismo social do capital” (Antunes, 2009 p. 33).

O desenvolvimento da crise acarretou a padronização que acontecia seguidamente às grandes guerras nos países de capital central, sobretudo no continente europeu. Para dar resoluções a sua respectiva crise, o capital abriu um encadeamento de novas sistematizações, assim como da sua forma de organização ideológica e política. Os contornos mais evidentes dessa reação à crise foram “o advento do neoliberalismo, com a privatização do Estado, a desregulamentação dos direitos do trabalho e a desmontagem do setor produtivo estatal, da qual a era *Thatcher-Reagan* foi expressão mais forte” (Idem, 2009 p. 33). O curso desse processo originou as modificações da estrutura da produção, da mesma maneira que a do trabalho, porque o capital precisa estabelecer condições substanciais para voltar a atingir os níveis de amplitudes anteriores. Destarte,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

a crise capitalista não é outra coisa senão a ruptura de um padrão de dominação de classe relativamente estável. Aparece como uma crise econômica, que se expressa na queda da taxa de lucro. Seu núcleo, entretanto, é marcado pelo fracasso de um padrão de dominação estabelecido (...). Para o capital, a crise somente pode encontrar sua resolução pela luta, mediante o estabelecimento da autoridade e por meio de uma difícil busca de novos padrões de dominação (Holloway, 1987 *apud* Antunes, 2009 p. 33).

Durante esse período também ocorreu uma intensa investida do capital e do Estado, pois eles passaram a se opor diretamente ao conjunto da classe trabalhadora, como também as condições possibilitadas pelo período de auge do *fordismo*. As novas manifestações tinham como eixo principal o setor financeiro, que nesse momento passava a receber uma autonomia relativa, dentro das difíceis estruturações das relações entre a liberação e a mundialização das cadeias produtivas. Todo esse contexto está inserido num campo composto pela remoção da regulamentação e a amplificação dos capitais, dos mercados, das inovações e das relações de trabalho (Antunes, 2009).

É na fase do pós-guerra, que foi possível notar tanto um crescimento, quanto uma renovação do capital, que nunca foram observadas antes sem esses fatores. Da mesma maneira que existia uma próspera reestruturação econômica para poder responder às demandas bélicas-indústrias, porém, com base nas atividades que paralisaram o sistema passa a não ser mais capaz de enviar as mercadorias que eram fundamentais para manter a sua estabilidade e desenvolvimento (Mészáros, 2011).

O declínio do período de expansão aconteceu no ano de 1973, o que provocou grandes mudanças e várias incertezas (Harvey, 1992). Para Antunes (2009), esse acontecimento produziu uma intensa desregulamentação dos capitais produtivos multinacionais, como também uma maior expansão da participação de entidades privadas. A inovação nas formas de administração das forças de trabalho, adicionado às liberações comerciais e a dominação técnica e científica das nações centrais, em especial, os Estados Unidos com o Tratado Norte Americano de Livre Comércio (NAFTA), a União Europeia com a Alemanha à frente, e o Japão conduzindo os países asiáticos. Assim,

com exceção desses núcleos centrais, esse processo de reorganização do capital também não comportava a incorporação daqueles que não se encontravam no centro da economia capitalista, como a maioria dos países de industrialização intermediária, sem falar dos elos mais débeis dentre os países do Terceiro Mundo. Ou, melhor dizendo, incorporava-os (como são exemplos os denominados “novos países industrializados”, dos quais destacam-se os asiáticos), porém numa posição de total subordinação e dependência. A

reestruturação produtiva no interior desses países deu-se nos marcos de uma condição subalterna (Antunes, 2009, p. 34).

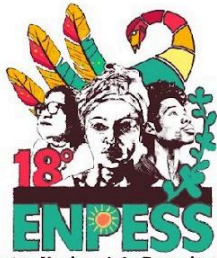
A crise teve tantas proporções que causaram desestabilizações na maioria dos países de capitalismo periférico, como também afetou o eixo do sistema mundial da produção do capital. Os Estados Unidos, por exemplo, durante o final do século XX passaram a ser afetados pelo campo da competitividade científica com o Japão (Antunes, 2009).

Em meados dos anos de 1990, houve o início do restabelecimento do grau de produtividade e crescimento dos Estados Unidos, a crise, é caracterizada pela sua difusão em estruturas continentais, assim, os EUA começaram a alcançar o Japão e os demais países do continente asiático. Logo,

E quanto mais se avança na competição intercapitalista, quanto mais se desenvolve a tecnologia concorrencial em uma dada região ou conjunto de países, quanto mais se expandem os capitais financeiros dos países imperialistas, maior é a desmontagem e a desestruturação daqueles que estão subordinados ou mesmo excluídos desse processo, ou ainda que não conseguem acompanhá-lo, quer pela ausência de base interna sólida, como a maioria dos pequenos países asiáticos, quer porque não conseguem acompanhar a intensidade do ritmo tecnológico hoje vivenciado, que também é controlado pelos países da tríade. São crescentes os exemplos de países excluídos desse movimento de reposição dos capitais produtivos e financeiros e do padrão tecnológico necessário, o que acarreta repercussões profundas no interior desses países, particularmente no que diz respeito ao desemprego e à precarização da força humana de trabalho (Antunes, 2009 p. 35).

O método devastador na nova composição e produção a divisão internacional do trabalho e do capital, passa a apresentar repercussões no desmonte de vários territórios, sendo que aos poucos passaram a ser excluídos do processo industrial e produtivo, uma vez que se tornava impossível à competição pela concorrência por seu caráter desigual em nível global. Em vista disso, com o desmonte das forças de produção em escala universal, da mesma maneira que, existe uma intervenção contra a força produtiva do trabalho humano, ocasionando vários percalços nessa atividade, pois se passa a provocar com grande veemência o desemprego estrutural (Harvey 2005). Em contrapartida, os desenvolvimentos tecnológicos que seriam capazes de viabilizar em proporção mundial, a redução da jornada de trabalho para o conjunto da classe trabalhadora, na verdade o que existiu foi um alongamento desse trabalho, vale ressaltar que em alguns países como por exemplo o Japão as justificativas dadas para o aumento da jornada de trabalho foi que seria uma resposta para a saída da crise.

O aumento da competitividade e concorrência provocaram vários efeitos e alterações entre os países. As mais significativas foram “a destruição e/ou precarização, sem paralelos em toda a



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

era moderna, da força humana que trabalha e a degradação crescente do meio ambiente, na relação metabólica entre homem, tecnologia e natureza” (Antunes, 2009 p. 36), tudo isso seguindo pelos fundamentos societais voltados para a fabricação de mercadorias e a valorização do capital. É notável que o capital no uso gradativo das inovações tecnológicas para aumentar a produtividade, simultaneamente, é interligado com o acréscimo de expressões da questão social. Por exemplo, o desemprego na sua fase estrutural, a precarização do trabalho e os danos à natureza são marcas da fase de reestruturação produtiva do capital.

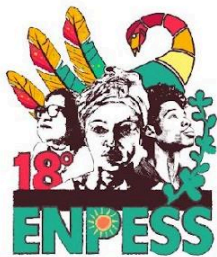
3.As metamorfoses produzidas na agroindústria canavieira

As repercussões do processo de reestruturação produtiva do capital no campo, em evidência a agroindústria canavieira, têm proporcionado questões que estão relacionados aos processos de intervenção do capital e do Estado, desfechos que causam consequências diretas ao conjunto dos trabalhadores do corte da cana, como: mecanização do campo, intensificação do ritmo de trabalho, superexploração do trabalho, outras características também são “política de desenvolvimento rural em detrimento de Reforma Agrária, novas formas de gestão e controle do trabalho pelo capital, políticas públicas para a agricultura, novas formas de contratação e de pagamento” (Junior, 2002, p. 5).

No Brasil, é durante a década de 1960 que o processo de desenvolvimento do setor agroindustrial passa a se fortalecer e expandir. Isso é vinculado ao período de expansão capitalista e, conseqüentemente, à industrialização no campo. Dessa forma, o cultivo e produção da cana-de-açúcar toma uma maior extensão com a nova dinâmica de mecanização. De acordo com Rodrigues (2020), a década de 1970 é marcada por uma nova fase para o setor canavieiro. A agroindústria canavieira sofreu transformações visíveis em todo o seu processo produtivo.

No ano de 1971, o Brasil exportou 1,2 milhão de toneladas de açúcar, isso chegava a ser cerca de 6% de todo açúcar do mercado internacional. Na safra do ano seguinte o país conseguiu ser o fornecedor número um de açúcar para o mercado interno, assim como o segundo maior exportador, perdendo apenas para Cuba (Szmrecsányi, 1979).

Para Szmrecsányi (1979), o processo expansivo se deu a partir do crescimento da procura por açúcar pelo mercado internacional. Cuba sofreu uma dura queda na sua produção, sucedido pelas diminuições da safra de beterraba dos países da Europa Oriental, o que conduziu as nações, especialmente a URSS e China, a comprar o produto em outro lugar. Com a diminuição



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

da circulação do açúcar ocasionou o aumento dos preços no mercado internacional. A agroindústria brasileira, com o aumento dos preços no mercado internacional, enxerga uma possibilidade de se beneficiar. Nesse período foram exportados mais açúcar.

A safra de açúcar no Brasil era de 8, 25 milhões de sacos. Nos anos de 1973/1974 a produção chegou a passar dos 111,38 milhões. A produção foi expandida na região Centro-Sul e no Nordeste principalmente, na primeira passou de 2,65 milhões para 78,46 milhões de sacos, já no Nordeste a produção passou de milhões para 32,9 milhões de sacos (Melo, 1975, apud Rodrigues, 2020).

Até o final do ano 1974, o preço da saca de açúcar permaneceu subindo. Então ele se tornou o principal produto a ser exportado com cerca de US\$1,3 bilhão em arrecadação pelo Brasil (Szmrecsányi, 1979). A partir dessa “conjuntura, a política econômica nacional para o setor tratou de se direcionar para a expansão da capacidade produtiva e das exportações, editando várias medidas orientadas para o estímulo e a ampliação da produção” (Melo, 1975 apud RODRIGUES, 2020 p. 153).

No entanto, o período de desenvolvimento passou a sinalizar uma estagnação do preço do açúcar brasileiro em nível internacional, ocasionando uma crise com a baixa do preço da cana-de-açúcar. Isso abalou diretamente o setor sucroalcooleiro:

Como a maioria da produção destinava-se ao mercado externo, a crise de superprodução mundial afetou de maneira direta o açúcar brasileiro; por outro lado, o baixo nível tecnológico da produção brasileira dificultava as possibilidades de participar de forma mais vantajosa da concorrência internacional (Sant’ana, 2012, p.20).

As exportações terminaram em 1975. Nesse período existiram processo de especulações do preço da cana, o que provocou uma restrição do consumo em muitos países, assim eles passaram a usar como adoçantes outros produtos (Szmrecsányi, 1979).

Para socorrer o setor sucroalcooleiro, as ações governamentais foram direcionadas no sentido de lançar programas com vistas a garantir desde o impulsionamento das “condições e necessidades brasileiras, de novas variedades de cana por meio da experimentação e da manipulação genéticas” da cana-de-açúcar até a “concessão dos fundos públicos”, ou seja, colaborações na forma de auxílios diretamente aos produtores (Szmrecsányi; Moreira, 1991, p. 68).

É na década de 1970, a agroindústria canavieira, dentro do processo de reestruturação produtiva, é estimulada pela necessidade de a indústria também expandir-se no canavial



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

brasileiro, a partir da industrialização de insumos e equipamentos com um maior nível tecnológico. Em função disso, há uma mudança nos níveis técnicos e científicos da agricultura impulsionando o processo de concentração e centralização da produção na agroindústria canavieira (Reis; Alves, 2014).

Assim, o governo voltou a elaborar um novo programa para auxiliar o setor sucroalcooleiro. Em 1975 é criado o Programa Nacional de Álcool (PROÁLCOOL), normatizado pelo Decreto número 76.594 de 14 de novembro de 1975. Mesmo com o discurso do governo de que a solução seria dada porque o país precisaria de novas formas de energia, considerando a crise do petróleo, o que marcava as ações governamentais era o histórico compromisso do Estado com a burguesia ligada à agricultura canavieira (Sant'ana, 2012).

O estabelecimento do Proálcool é composto por duas fases. A primeira delas começa a partir de 1975, e tem no seu fundamento, principalmente, a utilização de toda a capacidade produtiva já feita. Já a segunda, iniciada quatro anos depois, possui como principal característica a amplificação da capacidade de produzir a cana-de-açúcar e o álcool.

A primeira etapa do Proálcool tinha como base a criação de estratégias energéticas para solucionar a crise do açúcar no mercado nacional, para isso foi estimulado, principalmente a produção de álcool que seria adicionado à gasolina. De modo geral, existiam orientações de se aproveitar as usinas de açúcar para anexar destilarias. Assim, o governo passa a criar estratégias que irão garantir a compra dos produtos pela Petrobras, além de criar crédito para vincular ao Proálcool. Foi investido cerca de US\$1 bilhão, nas ações governamentais para garantir o andamento do programa, assumindo os riscos para si desses investimentos (Santos, 1987, p. 6; Shikida, 1998, p. 39/42 apud Rodrigues, 2020). Nas palavras de Alves (1999 p. 36),

a primeira fase do programa, se aproveita a capacidade ociosa do setor açucareiro, com a implantação de destilarias anexas às usinas de açúcar existentes. Nesta, se prioriza a produção de álcool anidro, para ser misturado como aditivo à gasolina/ em substituição ao poluente chumbo-tetraetila, na proporção de 20% de álcool para 80% de gasolina para cada litro do produto. Esta mistura prescindia de qualquer alteração nos veículos disponíveis no mercado.

Na segunda fase do Proálcool, as mudanças apresentadas foram na estrutura da produção do álcool. A adição de tecnologia teve diferenças nas regiões do Norte e do Nordeste quando se compara as regiões do Centro-Oeste e Sul do país (Rodrigues, 2020).

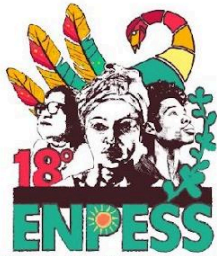
A segunda fase do Proálcool apresentou profundas modificações tanto na estrutura produtiva do álcool quanto na estrutura de consumo de automóveis. Esta se caracteriza pela produção de álcool hidratado para consumo direto dos automóveis. Desta forma, os automóveis, produzidos e existentes no país tiveram que ter seus motores projetados ou adaptados para o consumo deste combustível, o qual não necessitava, para ser consumido, de nenhuma mistura com a gasolina (Alves, 1991, p. 37)

O programa Proálcool impulsionou diretamente a manufatura da cana-de-açúcar e gerou a criação de novas usinas, dessa forma, houve a criação de novos postos de trabalho em todas as etapas do processo, desde a “indústria produtora de máquinas e equipamentos para o todo o complexo; passando pelas diferentes fases da produção agrícola, até à comercialização de álcool e açúcar. Nesse sentido, observa-se a criação de novos postos de trabalho tanto na etapa industrial do complexo quanto na etapa agrícola” (Alves, 2006, p. 92).

No Brasil, as modificações pertencentes ao contexto econômico na produção de cana-de-açúcar não foram somente no desenvolvimento do mercado nacional. Dado que o avanço gradual trouxe uma nova transfiguração nas relações de trabalho. As condições postas ao setor sucroalcooleiro com a reestruturação produtiva, apontam para a mecanização do corte da cana-de-açúcar. Justificada como medida direcionada à proteção ambiental e do trabalhador, “a mecanização da colheita de cana, que inicialmente se deu em decorrência do crescimento do poder de barganha dos trabalhadores, com as greves, ganhou um aliado no final dos anos 80 e início dos 90 – a luta contra as queimadas” (Alves, 2008 p. 6). Nesse sentido,

Guardadas as especificidades desta reestruturação no setor sucroalcooleiro nacional, é possível identificar, a partir da abertura comercial da década de noventa e das mudanças operadas na concessão de crédito rural, um incremento na utilização de tecnologias e mudanças nas formas de organização do trabalho que aproximam o setor das tendências modernas de racionalização do processo produtivo e da ampliação da produtividade do trabalho (Salata, 2013 p. 13).

Apesar dos avanços tecnológicos aplicados no processo produtivo da cana-de-açúcar, ainda não permitem uma total mecanização em razão das particularidades de cada solo. Assim, quando a superfície em que a cana foi semeada não está localizada em uma área regular, há uma impossibilidade de utilização de colhedoras para a realização do corte da cana, desse modo, é o trabalhador que realiza o corte manual da cana-de-açúcar. No entanto, também é no terreno linear que o cortador de cana consegue obter um maior rendimento. Já que, nos solos irregulares a produtividade desse trabalhador diminui, pois o corte torna-se mais difícil, outro fator que dificulta a atividade do corte é a “cana deitada”, essa também só é possível ser colhida com os



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

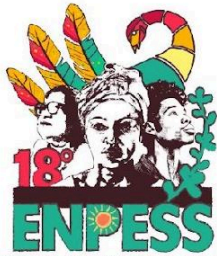
trabalhadores manuais porque devido a sua inclinação, o maquinário não consegue fazer um bom corte. Por isso, nessas situações os cortes são feitos de forma manual, com as dificuldades encontradas nas especificidades de cada terreno, o trabalhador para colher a cana precisa gerar um esforço maior do que em condições mais propícias (Araújo, 2013).

A modernização dos canaviais traz impactos diretos aos trabalhadores do corte manual. No entanto, é fundamental ficar atento para as especificidades desse setor, tendo em vista que foi unido ao processo de mecanização a manutenção dos modelos primitivos de organização do trabalho no campo. O método de contratação dos trabalhadores cortadores de cana é carregado de traços históricos de flexibilização, em virtude de ainda ser atrelado ao recrutamento por um determinado prazo, ou seja, exclusivamente para a safra. Vale evidenciar que os trabalhadores rurais, em linhas gerais, não possuem as mesmas garantias dos trabalhadores do meio urbano. O trabalho na indústria sucroalcooleira é carregado de determinações precárias e flexíveis, sendo intensificadas pelo processo de reestruturação produtiva (Salata, 2013).

No campo, as modificações do trabalho sempre são muito significativas, desde a sua origem. As transformações da força de trabalho nessa esfera se iniciam pelas atividades familiares “até chegar aos trabalhadores contratados por tempo determinado [O] capital, estrategicamente, fez com que essas mudanças acarretassem predominantemente benefícios para a indústria” (Lima, 2018, p 54), que muitas das vezes defende que as alterações são necessárias para privilegiar o conjunto dos trabalhadores (Lima, 2018).

O processo de contratação de trabalhadores por um tempo limite, aponta que estão presentes e unidas as explorações e a flexibilização do trabalho. Na nova formatação do modelo de organização do trabalho as atividades familiares se perdem, porque o que importa para a agroindústria é a contratação de trabalho individual, já que a quantidade de dias trabalhados pelo trabalhador individual é superior à familiar. A partir disso é que se deu os primeiros passos para a extensa exploração dos trabalhadores do campo, o que em seguida ocasionou um total esgotamento físico (Lima, 2018).

Na agroindústria canavieira “a opção pela colheita mecanizada não tem como objetivo melhorar as condições do trabalho vivo. Por outro lado, convém ressaltar o baixo custo da força de trabalho do cortador de cana, o que também explica a alternativa da sua utilização” (Araújo, 2013, p, 65). A incorporação de colhedoras mecânicas nos canaviais gera uma maior produtividade. Simultaneamente, sinaliza uma diminuição dos postos de trabalho dos cortadores manuais da cana. Logo, a diminuição dos trabalhadores e as modificações na atividade do campo



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

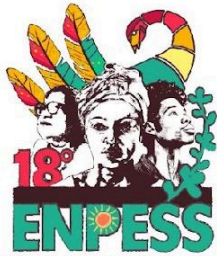
das usinas, o que gera realce nas reações entre o processo de mecanização e exclusão dos trabalhadores. A mecanização da colheita da cana traz efeitos diretos nas relações de trabalho, “além de impactar negativamente as formas de resistência, acrescenta novas exigências laborais, remetendo a um quadro de insegurança e vulnerabilidade para o conjunto destes trabalhadores” (Salata, 2013 p. 13-14).

Consequentemente, se pode perceber que as inovações tecnológicas não causam mudanças somente nas relações de trabalho dos cortadores de cana, mas também provoca, de modo direto, precarização nas condições de subsistência destes trabalhadores, ocasionando mais pobreza. Por outro lado, para os capitalistas isso é vantajoso, pois provoca um crescimento do capital (Lima, 2018). Nessa direção,

no complexo agroindustrial canavieiro, os níveis de exploração são demasiadamente altos. Os trabalhadores carregam o peso da exacerbada produção de mais-valia absoluta. A mais-valia é a parte do trabalho excedente e não pago ao trabalhador que, na sociedade burguesa, aparece na forma mistificada de lucro. Dessa forma, a mais-valia é retirada do sobretrabalho, ou seja, para além do trabalho socialmente necessário para produzir as mercadorias (Lima, 2018, p. 58).

De acordo com Lima (2018), o decréscimo da força de trabalho humano, em virtude do crescimento da mecanização, é carregado de fatores históricos, além disso, sustentam a responsabilidade do desemprego e a dominação dos grandes produtores relativos aos baixos salários dos trabalhadores. No entanto, o capital até então procura substituir o trabalho vivo pelo mecanizado, em razão do desenvolvimento do capitalismo, na agroindústria canavieira esse processo precisa de uma atenção especial, já que a utilização do trabalho manual continua grande mesmo com os avanços industriais.

As transformações na mecanização da safra da cana-de-açúcar não são recentes. Além de carregada por condições históricas, econômicas, questões ambientais, também é extremamente atrelada às decisões dos capitalistas. As determinações que colaboraram para a efetivação das modificações técnicas aconteceram depois de levar em consideração os fatores econômicos, sociais e ambientais. Apesar de ter existido reações da sociedade e do Estado, impedir a queima da cana e das condições degradantes que vivem os trabalhadores do corte manual da cana, em virtude disso, a solução encontrada foi investir em mecanização da colheita, a única mudança que realmente existiu foi com relação a diminuição dos números dos cortadores de cana, mas sem extinguir (Reis; Alves, 2014).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A utilização de máquinas afeta no rendimento do trabalhador da cana. Para eles sobram as canas que a colhedora não é capaz de cortar, pois estão em espaços não acessíveis, ou seja, aquelas de baixa qualidade, dado a isso, o trabalhador precisa disputar com a máquina. Nessa competição desigual o cortador de cana chega ao ápice da exaustão. Hoje, o parâmetro para a produtividade é a máquina. As médias de cana cortada por dia eram de seis toneladas, hoje, é possível encontrar um trabalhador que corta dez toneladas por dia, uma vez que precisa acompanhar a velocidade da máquina. Assim, se por um lado a mecanização é favorável ao meio ambiente por evitar as queimadas, por outro, provoca mais trabalho para que o trabalhador possa alcançar o intenso nível de produtividade (Lima, 2018).

As explicações tornam-se descaracterizadas quando se observa extinguir que o cortador de cana precisa produzir para atingir a produtividade. De fato, a mecanização surge como forma de proteção ambiental, ou no de uma produção limpa e sustentável. Porém, o capital precisa lucrar e apesar do custo alto do maquinário, ele não fica doente, não tem direitos trabalhistas e não faz greve, por essas e outras coisas é que a mecanização acaba sendo um belo atrativo (Lima, 2018).

Uma outra característica fundamental para se evidenciar nos processos de trabalho da agroindústria canavieira é o salário. Os trabalhadores do corte manual da cana têm seu pagamento subordinado à produtividade. Os cortadores de cana são sujeitos de extrema exploração da sua força de trabalho dentro dos canaviais, intensificando essa superexploração com o pagamento por produção.

O pagamento por produção é uma modalidade de salário por peça, sendo discutido amplamente por Marx na sua obra *O capital*. Assim, essa modalidade de salário significa basicamente que quanto mais o trabalhador cortar a cana, ou seja, produzir terá um maior salário. Nesse sentido,

dado o salário por peça, é natural que o interesse pessoal do trabalhador seja o de empregar sua força de trabalho o mais intensamente possível, o que facilita ao capitalista a elevação do grau normal de intensidade. É igualmente do interesse pessoal do trabalhador prolongar a jornada de trabalho, pois assim aumenta seu salário diário semanal (Marx, 2017 p. 624-625).

Apesar dos modos de medir a quantidade de cana cortada pelos trabalhadores mudem com o passar do tempo, as formas de pagamento, na maioria das vezes estão correlacionadas ao quanto o cortador de cana conseguiu cortar ao longo do seu dia de trabalho, por essa razão



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

sempre existir por parte dos trabalhadores reclamações sobre não ter controle da sua produção diária e nem do seu pagamento. Vale ressaltar, que as lutas dos cortadores de cana para ter o controle da sua produção são históricas, isso sempre foi pauta das reivindicações dessa classe e dos sindicatos dos cortadores de cana.

Ao longo da década de 1970 vários donos de usinas ainda não tinham modificado as unidades de medir e continuou com as braças⁴. As unidades possuem diversos tamanhos para medir a quantidade de cana cortada pelo trabalhador. A grandeza das braças foi uma das principais questões a se constituírem como ponto de pauta dos sindicatos dos trabalhadores da cana. Como resultado de negociação com os proprietários das usinas, a padronização em braça agora foi uniformizada por dois metros. Apesar de ter aliviado alguns dos problemas, continuou a existir os golpes por parte dos empregadores e empreiteiros (Guanais, 2016).

A luta por melhores condições de trabalho nunca deixou de ser pauta das convenções coletivas de trabalho. Os trabalhadores junto ao movimento sindical buscam estratégias para driblar a gigantesca exploração que acontece dentro do campo.

4.Considerações Finais

A cana-de-açúcar tem um grande papel na expansão e consolidação do capitalismo no Brasil. O desenvolvimento do açúcar no território é ligado à exploração do trabalho. Diante disso, modificações do modelo produtivo e econômico geradas pelas inovações tecnológicas impactam diretamente nos processos de trabalho no campo, sobretudo, aqueles/as que desenvolvem o trabalho no setor canavieiro. A superexploração dos trabalhadores do corte manual da cana-de-açúcar é vinculada a reprodução das contradições existentes na sociedade capitalista. Mesmo que o processo de mecanização do campo não consiga substituir por completo a força de trabalho manual, ele cria estratégia para intensificar o ritmo de trabalho, ocasionando na superexploração do trabalho.

A reestruturação produtiva do capital na agroindústria canavieira trouxe consequências ao trabalhador do campo, além de que a intervenção estatal atrelada aos arranjos do capital contribui para isso, um nítido exemplo disso, foi a formulação do Estado através de políticas de desenvolvimento ao setor sucroalcooleiro como o Programa Nacional de Álcool.

⁴ Braça era o instrumento similar a um compasso utilizado para medir a quantidade de cana cortada por cada trabalhador (Guanais, 2016 p. 89).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

O processo de modernização capitalista no campo durante a década de oitenta fez com que os trabalhadores rurais se organizaram para lutar contra esse modelo que tinha como objetivo principal precarizar e explorar o mercado de trabalho agroindustrial.

5.Referências

ALVES, F. O Mundo do Trabalho Crise e Mudança no Final do Século. Editora Páginas Abertas, LDA, 1994

_____. Trabalho e trabalhadores no corte de cana: Ainda a polêmica sobre o pagamento por produção e as mortes por excesso de trabalho. In M. A. M. Silva, F. Alves & J. C. A. Pereira, Agrocombustíveis solução?: A vida por um fio no eito dos canaviais (p. 22-48). São Paulo, 2008

_____. Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal – Precarização do trabalho e redundância salarial. Rev. Katál. Florianópolis v. 12 n. 2 p. 188-197 jul./dez. 2009

ALVES. G. Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal – Precarização do trabalho e redundância salarial. Rev. Katál. Florianópolis v. 12 n. 2 p. 188-197 jul./dez. 2009

ANTUNES, R. (Ricardo Luis Coltro), 1953- Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho / Ricardo Antunes. - [2. ed., 10. reimpr. rev. e ampl.]. - São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

ARAUJO, A. M. DE. Caldo de cana, bagaço de gente: desproteção e degradação do trabalhador na agroindústria canieira. 2013. 132 f. Dissertação de mestrado em Serviço Social – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013

BRENNER, R. (1999) “A Crise Emergente do Capitalismo Mundial: do Neoliberalismo à Depressão?”. Outubro, no 3, Xamã, São Paulo

BALSAN, R. IMPACTOS DECORRENTES DA MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA BRASILEIRA. CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v. 1, n. 2, p. 123-151, ago. 2006.

FARIA, J. H.; KREMER A. REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO: o mundo do trabalho em transformação. REAd – Edição 41 Vol. 10 No. 5, set-out 2004

Disponível

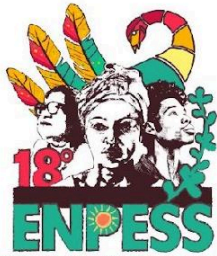
em:

https://www.ufjf.br/angelo_esther/files/2012/10/RH-I-REESTRUTURA%C3%87%C3%83O-PRODU TIVA-E-PRECARIZA%C3%87%C3%83O-DO-TRABALHO-FARIA1.pdf

FERNANDES, Florestan. “Capitalismo dependente e imperialismo” in ____ Em busca do socialismo. Últimos escritos e outros textos. São Paulo: Xamã, 1995.

FERNANDES, Florestan. Sociedade de classes e subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

Condição pós-moderna – Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural, Edições HARVEY, D. (1992) Loyola: São Paulo.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

JUNIOR, T., A. *Por Trás dos Canaviais os Nós da Cana*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

LIMA, L., M., A., de. *ENTRE O MODERNO E O ARCAICO: uma análise das relações de trabalho no setor sucroalcooleiro no contexto do capitalismo contemporâneo no Brasil*. 2018. Dissertação de mestrado em Serviço Social. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Civilização Brasileira, l. 1, v. II, 2006, p. 864. ³⁵Idem, p. 873.

MESZÁROS, I. 1930 – A CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL. 2 ed. rev. e ampliada. São Paulo: Boitempo, 2011

MEDEIROS, L. S. de. *História dos movimentos sociais no campo / Leonilde Sérvolo de Medeiros*. — Rio de Janeiro FASE, 1989.

PINTO, GERALDO AUGUSTO. *A Organização do Trabalho no Século XX: taylorismo, fordismo e Toyotismo*. – 3. Ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2013.

RODRIGUES, Gelze Serrat de Souza Campos, 1963- *A trajetória da cana-de-açúcar no Brasil [recurso eletrônico]: perspectivas geográfica, histórica e ambiental / Gelze Serrat de Souza Campos Rodrigues, Jurandy Luciano Sanches Ross*. – Uberlândia : EDUFU, 2020. Disponível em:

http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/edufu_a_trajetoria_da_cana-de-acucar_no_brasil_2020_ficha_corrigida.pdf

REIS, L. F.; ALVES, F. *O novo modelo de modernização do cai canavieiro paulista: a velha combinação entre o arcaico e o moderno*. Revista da ABET, 2014.

SALATA, R. *NOVAS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CANAVIEIRA NA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO/SP: qualificação profissional e o “programa renovação”*. Araraquara – São Paulo, 2013

SANT’ANA, R. S. *Trabalho bruto no canavial: questão agrária, assistência e serviço social*. São Paulo: Cortez, 2012

SZMRECSÁNYI, T. *O planejamento da agroindústria canavieira do Brasil (1930-1975)*. Campinas: Hucitec, 1979.

SZMRECSÁNYI, T.; MOREIRA, E. P. *O desenvolvimento da agroindústria canavieira do Brasil desde a Segunda Guerra Mundial*. Estudos Avançados, São Paulo, v. 5, n.11, 1991